

# CENAS DA VIDA REAL

**André Calazans**

Hermínio chega em casa por volta das nove e meia da noite. Tinha ficado até mais tarde na empresa, e aparentava bastante cansaço. Estranha a ausência da mulher, que sempre o recebia. Nem telefonema, nem bilhete, ele começa a ficar preocupado. Estavam casados há quatro anos depois de namorarem um outro tanto, e entravam naquela fase de mútuo desapontamento e tédio, incrementada por intromissões indevidas de ambas as famílias. Apesar disso - ou talvez por isso mesmo - planejavam um filho. Havia providenciado os exames e combinado de suspender o contraceptivo. Entretanto, ela não conseguia engravidar, embora fosse nova ainda e não tivesse nenhum problema de fertilidade, segundo o ginecologista. O marido estava bastante angustiado com a situação, e insistia para que Beatriz consultasse outro médico. Afinal, ele já fizera o espermograma em dois locais diferentes, e nada de anormal fora constatado.

O cheiro de comida fresca vindo da cozinha interrompe as elucubrações de Hermínio. Isso significava que ela estava por perto, ou havia saído há pouco tempo. O homem faz um prato reforçado e se dirige quase instintivamente para o sofá. Gostava de jantar olhando pra televisão, independente do programa que estivesse passando. Pega o controle e aperta algumas vezes, mas não obtém sucesso. Ele então põe a bandeja de lado, se levanta e pressiona diversas vezes os botões do aparelho. Nada. Confere a tomada, estava ligada, e desiste. Enquanto reclama mentalmente do eletrodoméstico, o telefone toca. Isso corta a atenção de Hermínio, que não repara na tênue imagem que aos poucos começa a se formar na tela.

- Oi, amor, sou eu. Tá tudo bem ?
- Tá, sim, mas onde você está ?
- Eu tô aqui na casa da Rosa vendo a novela. A porcaria da tevê veio com defeito. Eu bem

que falei pra não comprar de segunda mão, e ainda barato do jeito que foi... Deixei comida pronta no fogão, tá ?

- Pode deixar que eu vou dar um jeito nisso. O Olavo me garantiu que estava em perfeito estado. Vê se não demora.

- Tá bom. Tchau.

- Tchau.

O homem pega a bandeja e começa a comer sentado à mesa. Devido à posição lateral, passam-se mais de cinco minutos antes de ele reparar que havia algo acontecendo com o aparelho. Formas esmaecidas movimentam-se diante de seus olhos, dando-lhe esperança de que talvez fosse um defeito menor, quem sabe de sintonia. Hermínio se aproxima, e fica estático quando reconhece o quadro que se desenrola sob seus olhos, com a gradual melhora da imagem. Ali, em frente a ele, no sofisticado aparelho que adquirira de um amigo, começa a passar um filme que não era de ficção. Hermínio e a secretária se beijam sofregamente no escritório deserto. Portas e janelas trancadas, computadores desligados, eles começam a se despir. Em poucos minutos, ele a possui. Era uma antiga fantasia sua: ter relações sexuais com uma colega no próprio local de trabalho, e cumprimentá-la no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido. Atônito, o homem não desgruda os olhos da tela. Depois de um tempo, a imagem começa a se dissipar.

Hermínio entra em pânico: era exatamente o que ocorrera naquela noite. Mas como ? “Tô completamente ferrado !” – pensou. “ Ela desconfiou de alguma coisa, contratou um detetive e filmou tudo.” Esta hipótese, entretanto, não se sustenta por muito tempo. Hermínio checa o DVD e não havia disco dentro dele. Imagina estar enlouquecendo. Seria a culpa por ser infiel ? Mergulhado em reflexões angustiantes, o homem anda de um lado para o outro durante um bom tempo, tentando identificar uma explicação plausível para o fato. Sem conseguir uma resposta, resolve telefonar para Olavo. Pois não havia sido ele quem lhe vendera o aparelho ? Só tinha que arrumar um jeito de questioná-lo sem demonstrar desequilíbrio pelo que presenciara.

- Olavo ?

- Quem é ?
- Hermínio, tudo bem ?
- Oi, Hermínio. Tudo bem.

A voz fria do amigo, quase preocupada, fez com que Hermínio ficasse desconfiado.

- Escuta, Olavo, aquela televisão que você me vendeu ...
- O que é que tem ? Fala logo.
- Não está funcionando direito.
- E qual é o problema ?
- Bom, você deve saber. A imagem não está lá essas coisas. Muito estranha mesmo ...
- Olha, Hermínio, eu não queria te causar nenhum tipo de problema ...
- Escuta, Olavo, não é nem pelo dinheiro. Afinal, foi metade do que ela vale. Mas é que ...
- Vamos fazer o seguinte: eu te devolvo o dinheiro, você fica com a tevê, tá legal ?
- ...
- E aí ? Fechado ?
- Olavo ... aconteceu com você também ?
- ...
- Alô ?
- Porra, Hermínio, eu achei que tivesse ficado maluco. O que que houve com você ? Ficou aparecendo um monte de coisas na tela ? Coisas que você fez ?
- Isso mesmo. Como é que pode essa porra ?
- E eu lá vou saber ? Não dá pra entender mesmo.
- Aí, então, você despacha essa roubada pra casa do seu amigo !
- Desculpa, eu pensei que era só comigo. Eu comprei esta droga do meu cunhado, que disse que conseguiu com um conhecido. Como que eu ia saber ? LCD, quarenta e duas polegadas, cheia de sacanagem ...
- E que sacanagem, porra !
- Tu quer fazer o que agora ?
- Vou tirar esta bosta daqui amanhã mesmo, e deixar na porta da tua casa. Não precisa nem

me devolver o dinheiro.

- Espera, Hermínio ...

- Tchau !

O homem desliga o telefone com violência. Estava com muita raiva do amigo, e só não ia devolver o aparelho naquele instante porque a mulher já devia estar retornando. “Chega de problemas por hoje !”. Hermínio escuta o barulho de chave na porta, e corre pra desligar o aparelho na tomada.

- Oi, meu bem, demorei ?

- Não, meu amor, até que não. Assistiu a sua novela direitinho ?

- Você sempre implicando, né ? Eu gosto, sim, e daí ?

- Tudo bem, tudo bem. Olha só, você tinha razão, tenho que reconhecer. Esta porcaria de televisão não funciona. Eu já falei com o Olavo e ele vai me dar o dinheiro de volta. Só peço pra você não tentar ligar, que andou saindo uma fumacinha esquisita ...

- Ai, meu Deus, que horror. Pode deixar. Ainda bem que a gente não se desfez da outra. Mas que sacana esse Olavo, hein ?

- Pois é, muito sacana mesmo !

Hermínio toma um banho pra relaxar, e começa a pensar no ocorrido. Aquela história toda não era razoável. Teria muito que conversar com o Olavo, e com o cunhado dele, e com quem quer que fosse que tivesse arrumado o aparelho. Nunca tinha ouvido falar de nada parecido. Além de ser uma coisa absurda, sobrenatural até, ainda representava um risco enorme. Um risco de dissolução não só das relações familiares, mas de todas as relações sociais. Imagina se ele convida o patrão pra jantar, e aparece falando mal dele na televisão ? Ou pior ainda, recebendo um dinheiro por fora de algum fornecedor ? Hermínio sai do banho e liga o computador. Uma ansiedade incontrolável o leva a tentar pesquisar alguma coisa na internet. Não imaginava ser uma tarefa fácil, tipo digitar “televisão delatora” e aparecer uma série de referências. Mas não custava nada tentar, e de qualquer forma ele tinha perdido o sono.

- Você vai começar a trabalhar em alguma coisa a essa hora ?
- Vou, amor, não se preocupe. Você já jantou ?
- Ainda não, fiquei sem graça de comer na casa da Rosa. Além do mais, você sabe que ela é péssima cozinheira ...
- Sei ...
- Vou ligar a nossa querida televisão velha, que graças a Deus ainda está na sala.
- Tá bom, mas não esquece. Nem toca na outra.
- Pode deixar.

O homem tenta uma série de palavras-chave em suas pesquisas, e utiliza diversas ferramentas de busca. Examina inúmeras páginas, tanto aqui quanto do exterior, de tecnologia avançada a esoterismo, passando pelo espiritismo. O máximo de similaridade que conseguiu em relação ao estranho fato foram referências sobre transcomunicação, uma espécie de comunicação dos mortos para os vivos através de aparelhos eletrônicos. Este fenômeno poderia possibilitar o aparecimento de imagens de “outros planos” em diversos tipos de aparelhos receptores. Entretanto, não era o caso, pois tanto ele quanto Olavo estavam bem vivos, e bastante preocupados com as imagens de fatos recém-ocorridos que apareciam na tela. Após horas de tentativas, ele dá uma pausa nas buscas. Desliga a máquina, e vai para a cozinha beber alguma coisa.

Hermínio repara que a mulher adormecera no sofá, assistindo a um programa qualquer. Não era a primeira vez que isso acontecia, mas o homem sente uma certa pena da esposa desta vez. “Coitada, fazendo um esforço danado pra gente ter um filho, e eu corneando ela !”. O homem desliga a televisão, apaga a luz, arruma a cama no quarto e depois pega a mulher no colo, acomodando-a suavemente. Em seguida, tira a sandália e a saia jeans apertada dela, deixando-a dormir de camisa de malha e calcinha. Aí ele repara, como se fosse a primeira vez, na beleza da companheira. A rotina, as brigas, a convivência, haviam retirado a maior parte daquela visão masculina pura, que enxerga somente as formas básicas, de modo direto e instintivo. Mas agora ele nota que se ela passasse na rua, com toda a certeza ele iria reparar.

Envolto num turbilhão de pensamentos, o homem cruza o corredor para ir à cozinha novamente. É quando ele percebe uma certa luminescência na sala. “Paranóia, é só paranóia. Aquela droga tá desligada, olhei um monte de vezes. Tudo bem que não tem explicação, mas tá desligada !”, repete como um mantra, para si mesmo. Desconfiado, ele vai dar uma olhada. “Só pra dormir tranquilo.” - tenta se acalmar, sem muita convicção. Qual não é o seu espanto ao se deparar com as imagens se formando lentamente. Ele confere a tomada de novo. “Não, não, isso é loucura, não pode ser !”. Hermínio esfrega os olhos diversas vezes, se esbofeteia no rosto para comprovar que não sonhava. Resignado e aflito, ele encara o aparelho. Qual seria a próxima atração ?

Hermínio se surpreende quando enxerga imagens recentes da esposa no aparelho. Ela está numa dessas baias de escritório, em seu local de trabalho. Sentada na cadeira, a mulher abre a gaveta. Pega um cartucho de remédio lá de dentro, e retira uma pequena pílula, que engole com um copo d’água. Esta mesma cena acontece diversas vezes, mas em ocasiões diferentes. A princípio, o homem fica preocupado. Estaria ela com alguma doença e escondendo o fato ? Em função das diversas repetições, ele começa a prestar mais atenção na embalagem do medicamento. Não dava para ter certeza absoluta lendo o nome, pois não havia nitidez suficiente. Mas as cores e o formato eram inconfundíveis. Tratava-se da pílula anticoncepcional que ela tomara durante anos. E que, pelo visto, continuava usando.

O homem assiste àquela mesma cena dezenas de vezes, até a exaustão. Em seguida, a imagem vai desaparecendo. Mas ele já estava mais que convencido. “Me enganando há um tempão ... e eu morrendo de preocupação, com peso na consciência e tudo. Acha que não sou bom o suficiente para ser pai de um filho dela ? Isso é coisa daquela família desgraçada ”. Ele vai para o banheiro e fica debaixo da água por um bom tempo. Precisava esfriar a cabeça. Depois, se serve de uma dose dupla de uísque e senta no sofá, em frente ao maldito aparelho. Encara a tela, como se a desafiasse. Se serve de outra dose, e mais outra. Por fim, a televisão emite uma suave luz e uma imagem começa a tomar forma. Era a mesma de algumas horas atrás: Hermínio e a secretária. Ele olha a tela com um prazer

indescritível. Em seguida, começa a fazer barulho para acordar a mulher.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/cenas-da-vida-real>